

MANIFESTO

A partir desta segunda-feira, 27 de abril, até o próximo sábado, 2 de maio, realizam-se em todo Brasil os eventos comemorativos dos 150 anos da publicação do Manifesto Comunista. A PUC-SP, conforme já informamos, deverá ser um dos principais centros das atividades em todo o país, devendo abrigar, no sábado, 2 de maio, a jornada de encerramento do evento. Em São Paulo, as comemorações também ocorrerão na USP (Faculdades de Educação e História), Unicamp e Fundação Santo André, além da sede Nacional da CUT. A programação deverá ser intensa também nos estados do Rio de Janeiro, Goiás, Paraná, Bahia.

Vários nomes de destaque no

pensamento marxista nacional e internacional deverão estar presentes no encontro como Michael Löwy, François Chesnais, Edur Velasco, Osvaldo Coggiola, Jacob Gorender, Nicolau Sevchenko, Atilo Boron, Francisco de Oliveira, Octavio Ianni, Maurício Tragtenberg. A PUC estará representada, entre outros, por Maria Angélica Borges, Luiz Eduardo Wanderley, Heleieth Saffioti, Regina Gadelha, Edson Nunes, Débora Goulart. A APROPUC estará marcando presença com Madalena Peixoto, Lúcio Flávio de Almeida, Erson Martins, Antônio Rago e Felix Sanchez. Abaixo e na página ao lado estamos publicando os eventos que acontecerão em São Paulo.

PUC
SP
27/28
ABR
1998

Mural Semanal da APROPUC
e AFAPUC - N° 216 - 27/04/98

Encontro Internacional 150 Anos do Manifesto do Partido Comunista

	Hora	Local	Tema	Participantes
Terça-feira - 28 de abril	9h	PUC-SP	A Mundialização do Capital	François Chesnais - José Martins - Douglas Santos - João Ildebrando
	14h	USP-Educação	Trabalho, Educação e Gênero	Osvaldo Coggiola - Maurício Tragtenberg - Carmem S. Moraes
	14h	Unicamp	O Manifesto Comunista Ontem e Hoje	Solange Mercier- Josa
	15h	PUC-SP	O Trabalho na Virada do Século	Heleieth Saffioti - Rosa M. Marques - Ricardo Antunes
	17h	USP-História	O Manifesto Comunista é Atual	Leonel Mello - Marisa Bittar - Miguel Urbano Rodrigues
	19h30	Fundação Santo André	Atualidade do Manifesto Comunista	Jacob Gorender - Edmundo Fernandes Dias
	19h30	PUC-SP	O Manifesto Comunista e a Atualidade da Revolução	Erson Martins - Débora Goulart - Paula Beiguelman - Marcos del Roio
	19h30	USP - História	O Manifesto Comunista e as Utopias Românticas	Roberto Romano - Elias T. Saliba - Nicolau Sevchenko

COMUNISTA

Quarta-Feira - 29 de abril

Hora	Local	Tema	Participantes
9h	Unicamp	Contexto Histórico e Luta Teórica	Modesto Florenzano - Lelita Rodrigues - Cláudio Batalha - Armando Boito
9h	PUC-SP	Classes Sociais e Luta de Classes	João Machado - Antônio Rago - Rogerio Arantes - Marcelo Ridenti - Mauricio Tragtenberg
14h	USP-Educação	América Latina e a Crise Mundial	Edur Velasco - Jorge Altamira - Lisete Arelaro - Eleutério F. Huidobro
14h	Unicamp	História e Luta de Classes	Fernando Novais - Héctor Benoit - Pedro Funari - Marco Aurélio Garcia
15h	PUC-SP	Transnacionalização do Capital, Estados Nacionais e Blocos Regionais	Atilio Boron - Francisco de Oliveira - Luiz Fernandes - Miguel Chaia
17h	USP-História	O Manifesto Comunista e a Revolução	Paula Beiguelman - Ávaro Bianchi - Pedro Ferreira - Jair Borin
19h30	Fundação Santo André	O Manifesto Comunista e a Revolução Social	Pablo Rieznik - Zilda Iokoi
19h30	USP-História	Filosofia e Dialética no Manifesto Comunista	Paulo Arantes - Jorge Grespan - Hector Benoit
19h30	PUC-SP	Estado e Revolução no Manifesto Comunista	Vito Giannotti - José Paulo Netto - Felix Sanchez - Maria Beatriz Abramides

Quinta-Feira - 30 de abril

Hora	Local	Tema	Participantes
9h	PUC-SP	Movimentos Sociais e Atualidade da Luta de Classes	Edur Velasco - Michel Löwy - Lucio Flávio de Almeida - João Pedro Stedile - Olivério Medina
14h	Unicamp	Os Comunistas e a Revolução Proletária	João Machado - Luis Fernandes - Edmundo F. Dias - Daniel A. Reis
14h	USP-Educação	Mundialização e Desemprego Estrutural	Francisco de Oliveira - Octavio Ianni - Pablo Rieznik
15h	PUC-SP	Trabalhadores e Questão Nacional na América Latina	Regina Gadelha - Sebastião Neto - Luiz E. Wanderley - Tulio Vigevani
17h	USP-História	O Manifesto Comunista e a Questão da Terra	Ariovaldo V. de Oliveira - Gilmar Mauro - Iraci Palheta
19h30	Câmara Mun. Santo André	O Manifesto Comunista e os Movimentos Sociais	Edur Velasco - Gilmar Mauro - Lucio Flavio de Almeida - Paulo Barsotti - Armando Rack
19h30	Unicamp	O Manifesto Comunista e o Século XXI	Jacob Grender - Jorge Miglioli - Wolfgang Leo Maar - Ricardo Antunes
19h30	USP-História	O Manifesto, Marx e a Revolução na Itália	Andréa Lombardi - Modesto Florenzano - Vilma de Katiniaky
19h30	PUC-SP	Mundialização, Democracia e Perspectivas de Transformação Social	Maria A. Borges - Osvaldo Coggiola - Maria L. Carvalho - Edson Nunes

Jornada Nacional

Dia 2 de Maio no TUCA

9h - Debate

A Vigência do Manifesto do Partido Comunista como Programa Revolucionário do Proletariado

Coord.: Madalena Peixoto - Abertura: Erson Martins - Participantes: François Chesnais, Emir Sader, Osvaldo Coggiola

15h - Ato Público

Convidados latino-americanos e representantes de partidos políticos e entidades nacionais

20h - Evento Artístico Cultural

Video, Música, Teatro e Poesia

ROLA NA RAMPA

Chiara Lubich recebe homenagem da PUC

A italiana Chiara Lubich, fundadora do Movimento Focolares, presidente de honra da Conferência Mundial das Religiões para a Paz e Prêmio Unesco para a Educação à Paz de 1996, está em São Paulo desde o dia 24. Entre outras homenagens, governamentais e não-governamentais, Chiara Lubich receberá da PUC-SP o título de doutora *honoris causa* em Ciências da Religião. A cerimônia será em uma sessão do Conselho Universitário (Consun) em data ainda a ser divulgada.

UJS realiza congresso

Aconteceu no fim-de-semana retrasado, 18 a 21 de abril, na PUC e no Tuca, o congresso nacional da União da Juventude Socialista (UJS). Recepcionados pelo núcleo da organização na PUC, os delegados de todo o país deliberaram pela rejeição à políticas neoliberais e pela defesa do ensino no país.

CORREÇÃO

Na matéria de título *Após interdição, restaurante reabre maquiado*, publicada na edição anterior do *PUCviva*, nos referimos à professora Vera Neves como sendo da Vice-Reitoria Comunitária (cuja abreviação é Vracom e não VRAC, como também nos referimos). A professora Vera é da Vice-Reitoria Administrativa (VRAD). E *Cecom* é abreviação de *Conselho Comunitário*, e não Conselho Universitário (Consun). Confusão desfeita.

Peg-Mais também promete melhorias

Após reuniões com a diretoria do CA Benevides Paixão (Jornalismo e Publicidade), o Peg-Mais, lanchonete localizada no corredor da Cardoso, compromete-se a melhorar a qualidade de seus serviços e do atendimento aos estudantes. O Benevides e o Peg-Mais planejam para o futuro parcerias na promoção de festas e eventos dentro da PUC.

Alunos lutam pela descriminação da maconha

Um grupo de cerca de 15 estudantes da PUC organizou-se em torno de uma bandeira polêmica: a descriminação da maconha. Eles defendem a aprovação do projeto de lei do deputado federal Fernando Gabeira (PV-RJ) neste sentido. Liderados por Pedro Venceslau, aluno de história, que já deu entrevistas ao *O Estado de São Paulo* e ao *Jornal da Tarde* sobre o assunto, o grupo pretende trazer o deputado para um debate na PUC sobre o tema, em data ainda a confirmar.

Desconto em drogaria

A AFAPUC e a Drogaria MV lembram que os funcionários da PUC têm desconto de 5% na compra de remédios e perfumarias. Os pedidos podem ser feitos pelos telefones 3873-1460 ou pelo fax 263-7393. A entrega é feita por motoboy e o desconto é no holerite. A MV fica na rua Faustolo, 1560, Lapa.

JORNAL SEMANAL PUCVIVA

PUC-VIVA é uma publicação da Associação dos Professores e da Associação dos Funcionários da PUC-SP. **Edição de texto:** Aldo Escobar **Edição de arte e editoração eletrônica:** Valdir Mengardo e Antonio Delfino. **Reportagem:** Juliana Raposo e Nicolás Morell. **Colaboraram nesta edição:** Alex Ricciardi, Francisco Cristovão, Madalena Guasco Peixoto, Maria da Graça Gonçalves, Anselmo Antonio da Silva. **Endereço:** AFAPUC - Rua Cardoso de Almeida, 990, sala 9, fone: 263-0211, ramal 208. Fechamento do jornal às sextas-feiras, fone/fax: 265-1734.

<http://www.pucsp.br/~afapucsp/>
Este é o endereço do *PUCviva* na Internet

TESES

Capital autônomo e a administração de seu movimento: uma releitura de Marx, Keynes e Schumpeter, por Rubens Rogério Sawaya, mestrado em Economia Política. Dia 28/4, 9h.

Limitações da política monetária: a atuação do Banco Central, por Maria Tereza de Oliveira Audi, doutorado em Ciências Sociais. Dia 28/4, 14h.

Configurações do trato vocal em músicas de três estilos, por Alcione Ramos Campiotto, mestrado em Fonoaudiologia. Dia 29/4, 9h30.

Sobre a Internet: uma investigação sócio-técnica, por Rogério Antônio Monteiro, doutorado em Comunicação e Semiótica. Dia 29/4, 10h.

Iniciação e individualização no candomblé de São Paulo, por Wilton Gayo Gama, mestrado em Ciências Sociais. Dia 29/4, 14h30.

MRP: barreiras e obstáculos do processo de implantação, por Almir Volpi, mestrado em Administração. Dia 29/4, 16h30.

Obrigações do Estado derivadas de contratos inválidos, por Jacinto Silveira Câmara, mestrado em Direito. Dia 30/4, 9h.

O procedimento moni-

tório no Direito Pátrio, por Alexandre Luis Mendonça Rollo, mestrado em Direito. Dia 30/4, 10h.

Sêneca, a vida na obra - uma introdução à noção de vontade nas epístolas a Lucílio, por Luizir de Oliveira, mestrado em Filosofia. Dia 30/4, 14h.

A ressignificação do processo educativo a partir da integração ensino-pesquisa análise da percepção docente da FAGED da Universidade do Amazonas, por Maria do Perpétuo Socorro D. Marques, mestrado em Educação. Dia 30/4, 14h30.

Origens da educação estatal na América portuguesa, por Raimundo Alberto F. Damasceno, doutorado em Educação. Dia 30/4, 15h30.

LANÇAMENTO

A Educ convida para o lançamento do livro "Memória do Departamento de Economia", organizado por Maria Angélica Borges, Cristina Helena Mello, Claudemir Galvani e Waldir Gomes. Dia 29/4, 18h, no corredor da FEA, 1º andar do Prédio Novo.

PALESTRAS

● O Núcleo de Sociabilidade Libertária (Nu-Sol), do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC apresenta *Conversações Libertárias*, com a palestra *Mulheres e*

liberdade, com a historiadora Margareth Rago (Unicamp). Dia 28 de abril, às 17 horas, sala 4B12, no Pós Graduação, 4º andar do Prédio Novo. Mais informações, pelo telefone (011) 3873-2486 ou www.geocities.com/~nu-sol_pucsp.

● Doutora em Língua Aplicada pela Universidade de Toronto, Canadá, Maximina Freire faz um panorama sobre a "comunicação mediada por computadores no território dos negócios: interpretando a correspondência eletrônica gerada em inglês e veiculada em interações de trabalho" Dia 27/4, 14h30, no anfiteatro Lael (sala 19, no Corredor da Cardoso)

● "Travail et subjectivité: travail et usage de soi" é o tema da palestra com o conferencista Ives Shwartz, da Universidade de Aix-Marseille - França. Dia 8/5, 14h30, também no anfiteatro Lael - sala 19, no Corredor da Cardoso.

FESTA

O CA Benevides Paixão oferece a seus estudantes, na quinta-feira da próxima semana, 7 de maio, uma festa no Bar Venice, na Vila Madalena. Os convites podem ser retirados no Benevides, no corredor da Cardoso.

150 ANOS DO

Estado e transnacionalização: algumas reflexões em torno do Manifesto Comunista

Lúcio Flávio de Almeida

As teses essenciais do Manifesto Comunista são referência fundamental para a reflexão e o debate sobre poder político e crise neste final de século. Isto se aplica, por exemplo, à chamada “globalização”.

Já em 1847, um jovem intelectual engajado de 29 anos escreveu que “em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si próprias, desenvolvem-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações”. Segundo ele, não se tratava de um processo apenas econômico. Ao contrário, envolvia tanto a “produção material como (a) produção intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se propriedade comum de todas. A estreiteza e o exclusivismo nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis; das inúmeras literaturas nacionais e locais, nasce uma literatura universal”. Finalmente, tal processo era visto como estreitamente relacionado com a expansão do capitalismo. “Sob pena de morte” - prosseguia o autor - a burguesia “obriga todas as nações a adotarem o modo burguês de produção, constrange-as a abraçar o que ela chama civilização, isto é, a se tornarem burguesas. Em uma palavra, cria um mundo à sua imagem e semelhança.” Quando isto foi escrito, apenas a Inglaterra poderia ser considerada uma formação social capitalista, o máximo em matéria de transportes era a “maria-fumaça” e o telégrafo (com fio) beirava os três anos de idade. Hoje, se toma coca-cola em Pequim e, em Diadema, um desempregado assiste a um show de rock londrino, em “tempo real”, com televisor japonês.

Em nenhum momento, Marx e Engels atribuíram aos Estados nacionais o papel de “vítimas” deste processo. Ao contrário, suas análises são úteis para se perceber o caráter de classe destes Estados e o importante papel que desempenham nesta fase da transnacionalização do capitalismo. O Estado brasileiro, sob a batuta do governo FHC, é um importante pro-

motor de políticas “globalizantes”, com tudo o que isto resulta em desemprego, miséria, violência, barbárie, perda de auto-estima, epidemias, morte, para milhões de brasileiros.

Ao contrário do que fazem os atuais apologistas da “globalização”, o Manifesto não foi escrito para defender a tese de que “a economia de mercado” venceu e que, portanto, nada resta às “nações” além de procurar uma boa “inserção” no sistema capitalista mundial. Até porque, já naquela época, Marx, embora ainda engatinhasse em suas pesquisas sobre mundo do capital, já descobrira que a burguesia resolvia as crises de dois modos principais: 1) “pela destruição violenta de grande quantidade de forças produtivas”; 2) “pela conquista de novos mercados e pela exploração mais intensa dos antigos”. Tais políticas só podem levar “ao preparo de crises mais extensas e mais destruidoras e à diminuição dos meios de evitá-las”.

No bojo desta nova fase do processo de transnacionalização, não existe nenhuma razão de ordem teórica que justifique a abdicação de projetos voltados para a transformação do mundo.

O atual processo de transnacionalização do capitalismo tem contribuído para evidenciar - mais uma vez - que a função precípua do capital não é atender às necessidades humanas, mas, simplesmente, acumular capital. E, do ponto de vista do capitalismo, está sobrando gente, não só no Brasil, mas em escala planetária. Daí um processo de “exclusão” que, longe de ser unidimensional, é extremamente complexo e contraditório, e cuja configuração concreta em cada país depende - mais uma vez - das lutas de classes, em particular dos impactos que elas produzem sobre distintas esferas das relações sociais. Dependendo da correlação de forças interna e externa a cada formação social, pode-se desativar setores inteiros da economia. E também dependendo da correlação de forças (não necessariamente a mesma do caso anterior), fica, no

entanto, em aberto em que medida será “desativado” o estatuto de cidadania dos homens e mulheres que trabalhavam nestes setores.

Passada a euforia “neoliberal”, tende a crescer a convicção de que, sob a dominação do capitalismo, nenhum dos grandes “problemas sociais” desta virada de século (desemprego, desequilíbrio ambiental, coexistência de grande riqueza e crescentes bolsões de miséria) pode ser resolvido. Também visa submetê-los a novas formas de despotismo fabril que ultrapassam, em larga medida, os limites físicos das unidades de produção. Além disso, tendem a despojar grande parte dos proletários do estatuto jurídico de trabalhadores, obrigando-os a, sob a figura de “empreendedores”, arcar com a totalidade dos custos diretos da produção de sua força de trabalho. Tal exclusão não se deve a nenhum determinismo tecnológico, mas a uma correlação de forças que ainda é amplamente favorável ao capital.

Por outro lado, o simples fato de estar diretamente “incluído” no processo de produção não assegura, por si só, os plenos direitos de cidadania. Basta citar, de passagem, a exploração, direta ou indireta, inclusive por empresas transnacionais, do trabalho infantil; as extensas jornadas de trabalho com ínfima remuneração; ou mesmo a verdadeira situação de dependência pessoal e coletiva, de grande parte dos trabalhadores a moderníssimas empresas. Se prevalecessem apenas os interesses que se expressam no ideário neoliberal, o desemprego e a “informalização” seriam maiores ainda e os novos “descamisados” seriam, no melhor dos casos, transformados em eventuais objetos da caridade pública ou privada. Quanto ao pior, o inferno é o limite, como exemplificam, no Brasil, a chacina de presidiários no Carandiru

CONTINUA NA PÁGINA ABAIXO

ESTADO E TRANSNACIONALIZAÇÃO...

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ACIMA.

(São Paulo), a execução de crianças pobres na Candelária (Rio de Janeiro) e a prostituição infantil, um dos principais nichos do "setor informal" nos grandes centros urbanos.

Com isto, se corre o sério risco de assumir uma posição simplesmente reativa diante de um processo cujas determinações essenciais têm sido detectadas pelo melhor da análise marxista desde o século passado.

No entanto, para desgosto de muitos, as lutas de classes teimam em existir, mesmo quando o movimento operário se encontra em posições meramente defensivas. Assegurar as condições políticas (e ideológicas) da dominação de classe, entre elas algum tipo de "inclusão" dos "excluídos" já é uma missão extremamente complicada para o Estado francês, um dos pontos fortes de reprodução do capitalismo transnacionalizado. O que não dizer do Estado brasileiro, mexicano ou argentino? E na África? Como constituir como cidadãos todos os

trombadinhas e trombadões que o capitalismo está produzindo em escala planetária?

Mais do que nunca, nos últimas 150 anos, a formulação "os proletários não têm pátria" se torna uma referência fundamental para as lutas anticolonialistas. Existem imensas contradições e defasagens entre o internacionalismo burguês e o internacionalismo proletário. O mundo não começa nem termina em Miami ou Wall Street.

A grande questão, nas formações sociais dependentes, como a brasileira, é combater o imperialismo sem cair em algum tipo de nacionalismo que, no melhor dos casos, fortalece alguns setores do capital nativo e, no pior, resulta em carnificinas e utopias regressivas. Por outro lado, não há como ignorar que a atual fase de transnacionalização se contrapõe a formas profundas de sociabilidade, além de impedir a formação de um internacionalismo socialista. Trata-se de, em um contexto mais transna-

cionalizado, tentar incorporar as aspirações nacionais-populares a um projeto mais amplo de transformação. E, como estamos em um ano eleitoral, é importante refletir sobre uma outra lição teórica e prática destes 150 anos: não recuar para qualquer tipo de ideologia que apresente o Estado como expressão do bem comum.

É bastante provável que o ideário neoliberal ainda se mantenha na ofensiva menos pelas esperanças que produz ou pela coerência de seus argumentos do que devido à ausência de alternativas concretas por parte de seus opositores.

Mas a história é muito mais criativa do que todas as nossas teorias. Várias frentes de luta, que tendem a construir alternativas não liberais ao estatismo, estão surgindo na América Latina (inclusive no Brasil), na Europa e na Ásia. Elas merecem a solidariedade ativa de todos aqueles que lutam por um mundo melhor. Para os de hoje e para os de virão.

Lúcio Flávio de Almeida é professor do Pós-Graduação em Sociologia e Política e diretor da APRÓPUC.

Fala Comunidade

Os desserviços do Banco Real

Carlos Souza da Silva e Mirian Cristina Lozano

Gostariamos de manifestar nosso descontentamento em relação aos serviços oferecidos pelo Banco Real aos correntistas/funcionários administrativos:

a) Várias vezes o crédito salarial e o adiantamento têm sofrido atraso em decorrência de encaminhamentos bancários e não da Folha de Pagamento, embora o Banco Real atribua a falha a este setor. Por outro lado, constatamos que o mesmo problema não ocorre no outro banco onde alguns funcionários têm conta.

Este fato tem-nos causado alguns prejuízos, por exemplo: o crédito que deveria ser efetuado numa sexta-feira, acaba acontecendo efetivamente em um sábado, o que nos obriga a fazer saques somente em caixas eletrônicas 24 horas (vermelhos), os quais cobram taxa de R\$

0,80 por saque, independentemente do valor. O Banco Real, embora possua caixa eletrônico próprio, não os coloca à disposição dos clientes nos finais de semana;

b) O único caixa eletrônico a nosso serviço na universidade, muitas vezes, não está disponível para saques ou quando está apto para este serviço, muitas vezes, somos obrigados a retirar, no mínimo R\$ 50,00, pois não existem cédulas de valor menor. Por conseguinte, se não dispormos dessa quantia, o que freqüentemente acontece, ficamos sem dinheiro;

c) Para consultas, o caixa eletrônico freqüentemente não dispõe de papel para impressão e, mesmo assim, acaba "funcionando" sem atribuir comprovantes. Muitos corren-

tistas acabam pagando sem ao menos receber o serviço;

d) Ao nos dirigirmos aos caixas do banco, quando da falha nos equipamentos eletrônicos, aqueles acabam cobrando aleatoriamente taxas de serviço. Gostariamos de entender os critérios usados para estas cobranças.

Temos quase certeza que a maioria dos funcionários correntistas do banco passam pelo mesmo problema. Eles poderiam ser convocados pela AFAPUC a fim de manifestar o seu descontentamento.

Gostariamos de poder contar com a colaboração de vocês a fim de divulgar essas ocorrências.

Carlos Souza da Silva e Mirian Cristina Lozano são funcionários da PUC.